

ORALIDADE PRESENTE NA ESCRITA DE ALUNOS DO II ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Luana Carvalho COELHO
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
E-mail: luanacoelho90@hotmail.com

RESUMO: A criança, quando no início do entendimento do sistema alfabético, começa a analisar a relação entre fala e escrita e percebe que uma letra pode ter vários sons. A partir da categorização proposta por Cagliari (2004, Alfabetização e Linguística), o presente trabalho objetiva classificar os erros ortográficos encontrados nos textos de alunos que acabaram de concluir a alfabetização e que ainda estão no processo de aquisição da escrita. Os erros de ortografia se devem ao fato do aluno escrever de uma maneira muito próxima da fala. Construindo a chamada escrita oralizada.

PALAVRAS-CHAVE: Cagliari; erros de ortografia; escrita oralizada.

1. INTRODUÇÃO

Sempre existiu uma separação ente a língua falada e a escrita, em que a primeira ocupava um lugar superior sobre a segunda. Segundo Perini (1997), existem duas línguas no Brasil: uma que se escreve e recebe o nome de Português, cuja aprendizagem deve se dar na escola e a maior parte da população nunca chega a dominá-la adequadamente; e outra língua é a que se fala, mas é tão desprezada que não possui nome, mesmo sendo ela a língua materna dos brasileiros. Somente a partir da década de 80 os estudiosos passaram a vê-las como atividades interativas no contexto das práticas sociais.

A aprendizagem da ortografia vem passando por diversas mudanças, antigamente trabalhava-se muito com cópia de textos e ditados, atualmente a criança possui um papel mais ativo no processo de aprendizagem do sistema de escrita. Com isso, os erros ortográficos que as crianças cometem ao escrever ganham um novo sentido, eles expressam as dificuldades que a criança possui e o que ela já sabe sobre o sistema ortográfico. Com base na leitura de estudiosos, é possível afirmar que a ortografia possui diversos aspectos que devem ser considerados pela criança, já que suas regras não são da mesma natureza e envolvem diferentes competências para sua aprendizagem, o que permite ao aluno cometer erros na escrita. Kato (1986) diz que, embora a primeira intenção fosse fazer um alfabeto de natureza fonética, o fato de toda língua sofrer variações impossibilitou que a escrita tivesse uma natureza estritamente fonética. A escrita seria, então, de natureza fonêmica, ou seja, procura representar aquilo que é funcionalmente significativo.

As crianças chegam à escola com diferentes tipos de conhecimentos sobre a linguagem, uma vez que estão expostas aos diferentes contextos sociais. Após dominar o código alfabético, a criança precisa passar por mais um desafio, o domínio da ortografia da língua; nessa etapa o aluno começa a analisar a relação entre fala e escrita e percebe que uma letra pode ter vários sons. Ao pensar sobre como escrever elas tentam entender as regras que regem a escrita, podendo gerar hipóteses para nosso sistema ortográfico. Dessa forma, observando como a criança escreve nos primeiros contatos com a língua escrita, segundo Cagliari (2004), o aluno erra a forma ortográfica porque se baseia na forma fonética.

A presente pesquisa leva em consideração que os alunos estão em processo de aquisição da escrita e, por isso, precisam de liberdade para tentar e errar de forma que os erros sejam parte importante do processo de aprendizagem para que possam ajudar o professor a planejar seu ensino com intuito de selecionar as dificuldades para auxiliar o aluno a superá-las. A partir de tais considerações, este trabalho tem como objetivos específicos: (i) descrever e analisar de acordo com a categorização proposta por Cagliari (2004) os erros ortográficos encontrados em textos de crianças do 2º ano do ensino fundamental, (ii) investigar a influência da oralidade nesses textos, (iii) contribuir para a ação pedagógica de professores das séries iniciais na construção do processo de ensino e aprendizagem do nosso sistema ortográfico.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O público alvo desta pesquisa são os alunos de uma turma em curso do 2º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Vitória da Conquista – BA. A pesquisa aqui adotada será o Estudo de Caso, visto ser essa uma pesquisa que pretende investigar por meio de estudos os “erros” ortográficos de alunos que acabaram de concluir a alfabetização. Para isso, juntamente com a professora, solicitamos que os alunos produzissem uma redação que será analisada por nós.

A turma é composta por alunos de 6 a 8 anos. Entregamos aos mesmos uma imagem e, após analisar o desenho, pedimos para que eles contassem uma história. O texto infantil produzido de maneira espontânea é capaz de revelar diferentes tipos de erros ortográficos que a criança produz ao iniciar o processo da escrita. O corpus do trabalho é composto pelos textos dos alunos, conversas informais e observações feitas em sala de aula.

3. ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com Cagliari (2004), a criança não escreve de maneira aleatória; ela usa a fala como referência para a escrita e não comete “erros” por distração. As crianças, por causa da interação chegam à escola trazendo uma bagagem de diferentes níveis de conhecimento sobre a escrita. Conforme Miranda Silva e Medina (2005), a criança, após aprender o código alfabético, precisa ainda dominar a ortografia da língua, pois o sistema de escrita do português não mantém uma relação direta entre letras e sons.

Cagliari (2004) diz que a criança não precisa estudar gramática para começar a escrever, pois já domina a língua portuguesa oralmente, a dificuldade é que o aluno não aprende a forma ortográfica no seu primeiro contato com o alfabeto. A maioria das escolas não permite que a criança faça seu aprendizado da escrita como fez o da fala. Ela não tem liberdade para errar, tentar e perguntar. Quando isso acontece, diz Cagliari,

Uma criança que escreve *disi* não está cometendo um erro de distração, mas transportando para o domínio da escrita algo que reflete sua percepção da fala. Isto é, a criança escreveu a palavra não segundo sua forma ortografia, mas segundo o modo como ela pronuncia. Em outras palavras, fez uma transcrição fonética. Por outro lado, a criança que leia a palavra disse dizendo duas sílabas de duração igual está transportando para a fala algo que a inscrita ortográfica insinua [...] (CAGLIARI, 2004, p. 30).

Ainda segundo Cagliari (2004), tudo que se refere à linguagem oral e à escrita tem relação com a linguística. Uma criança precisa ter uma noção sobre a linguagem oral, a variação linguística, o processo de decifração, precisa conhecer a história da escrita, a categorização gráfica e funcional das letras, precisa ter noções sobre a estrutura de textos, saber um pouco sobre a história da Língua Portuguesa. O professor poderia guiar seu aluno pelo ato pedagógico na construção de seu saber, para que ele tenha uma aprendizagem autônoma.

3.1 Categorizações propostas por Cagliari

Para sanar as dificuldades dos alunos ao escrever, os professores precisam analisar os erros cometidos por eles. Para se ter conhecimento dos erros ortográficos, Cagliari apresenta algumas categorias. Segundo ele, os erros podem ser: por transcrição fonética, hipercorreção, modificação da estrutura segmental das palavras, juntura intervocabular e segmentação, forma morfológica diferente, forma estranha de traçar as letras, uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas, acentos gráficos, sinais de pontuação e problemas sintáticos.

A seguir estarão descritos os textos dos alunos com as análises e comentários sobre os erros encontrados.

Texto 1

O menino estava pescando para açar i come
Elivil um peixe ennormi tirou o bone
Acendel um fogo i esperol pa assar
demorou e já estava diaguanaboca
o peixe estava dé morando i o menino
esta suando e o peixe assado eli estava diaguanaboca
eli estava com vontadi di comer
peixe mais u peixe estava dé morando

Texto 2

Um dia ummenino estava perca
ele estava a legre ele levam
tou e puxou um peixe bem grande
emtão ele pegol um pau esegou
o peixe i o ifiou o pau no peixe e fritou

Texto 3

Era uma veis o menino foi percar
pescol um pixi peceno feiz e comeo

Texto 4

Minino pego o peixe neli esta fritndo
para come para fica forte
brinco e dormil
agoa minino do Brasil frito
comel minino bonito
tarabaia muito bei
amigo Jesus

Texto 5

Juãozinho gosta de comer carni assada
 um dia Juãozinho estava comendo carni
 cuando a carni acabou e a mãe de
 Juãozinho madou Juão e pescar
 e lá foi Juãozinho pescar Juão estava pescado
 e pescou mas Juãozinho estava tão com fome
 que eli armou um afoiu e assou o peixe
 e eli comeu o peixe.

Para Cagliari (2004), o erro mais comum dos alunos é caracterizado por uma transcrição fonética da própria fala. Nos dados das crianças estudadas esse tipo de erro apresenta o maior número de casos, em todas as produções textuais encontramos erros desse tipo. Entendemos que os alunos utilizaram o seu dialeto como referência para sua grafia. A criança escreveu “veis” e “feiz” por usar na sua pronúncia um ditongo. No texto 2 e 5 percebemos que a criança suprime a consoante *n* que não pronuncia e usa somente a vogal para indicar o som nasalizado, como em: “madou”, “pescado”, “ifiou”. Ainda como tentativa de reprodução das formas orais, observamos a palavra “pego” para pegou, a criança escreve uma vogal em vez de duas, porque usa na sua pronúncia um monotongo, isto é, redução de [ow] para [o]. Outros exemplos de erros de transcrição fonética podem ser citados: “carni”, “eli”, “minino”, observamos que a criança escreve *i* em vez de *e* porque fala [i] e não [e].

A segunda categorização proposta por Cagliari (2004) é o uso indevido de letras, para o autor esse tipo de erro se caracteriza pelo fato de o aluno escolher uma letra possível para representar o som de uma palavra quando a ortografia usa outra letra. Nos textos apresentados, esses erros ocorrem de preferência para certas letras, como o som do [s] que foi representado por *ç* na palavra “açar” no texto 1. Podemos ainda destacar “emtão” “peceno”, “quando” e dos textos 2, 3 e 5 respectivamente.

A hipercorreção é comum quando o aluno já conhece a forma ortográfica de algumas palavras e sabe que a pronúncia destas é diferente. Ao compreender cada vez mais a distinção entre língua falada e língua escrita a criança começa a se corrigir e a generalizar certas regras, isto é, com a intenção de acertar acaba errando. Nos textos estudados nota-se que a criança grafava com *l* e *o* palavras que seriam grafadas com *u*, como, por exemplo: “comeo”, “comel”, “pegol”, “esperol”, “vil”. Esses exemplos de generalização da regra sinalizam a percepção do aluno com relação ao sistema ortográfico. Para Cagliari (1999), a invenção da ortografia foi a “salvação” do alfabeto, pois a criança ao iniciar suas hipóteses na escrita escreve conforme fala. Para o autor, as crianças de 3 ou 7 anos usam em um dialeto que possui um conjunto de regras gramaticais específicas, elas generalizam regras que chamam a atenção dos adultos aplicando uma regra geral quando deveria aplicar uma particular, um exemplo é quando a criança diz eu *fazi*, em vez de eu *fiz*, como eu *vendi*, *comi* etc. Cagliari (2004, p:19).

Outra categorização proposta por Cagliari (2004) é a junção intervocabular e segmentação; quando a criança começa a escrever textos espontâneos verifica-se que ela costuma juntar todas as palavras, o que é perfeitamente normal nos textos de alunos que estão no processo de aquisição da escrita, esta junção reflete os critérios que ela usa para analisar a fala. Percebemos a ocorrência da junção intervocabular nos dois primeiros textos em: “diaguanaboca” e “ummenino”. Na fala não existe a separação de palavras, a não ser quando marcada pela entonação do falante. No caso da segmentação, devido à acentuação tônica das palavras, pode ocorrer uma segmentação indevida, uma separação na escrita que

ortograficamente está incorreta. Nos textos analisados apareceram poucos casos, como: “a legre”, e “dé morando”.

O acento gráfico normalmente não é ensinado no início do aprendizado da escrita. Alguns alunos aprendem que certas palavras, de uso muito comum, têm acento. Segundo Cagliari (2004), o til ocorre muito raramente, mas nos textos estudados o til foi o único acento usado pelas crianças. Como em: “tão”, “Juãozinho”, “mãe”, “então”.

Alguns erros de escrita que aparecem nos textos espontâneos revelam problemas sintáticos, mas na verdade significam modos de falar diferentes do imposto pela norma padrão. Percebemos nos textos estudados construções estranhas que refletem estilos que só ocorrem no uso oral da linguagem, como em: “O menino estava pescando para açar i come”.

Cagliari trata ainda dos acertos ortográficos das crianças; de acordo com o autor, fica claro que os acertos não são obra do acaso ou que os erros não são por falta de capacidade ou pura desatenção dos alunos. Tudo pertence a um processo de aprendizagem da escrita e revela a reflexão que o aluno põe na sua tarefa e na forma de interpretar o fenômeno que estuda. Todos os textos estudados mostram certo conhecimento acerca do sistema alfabético, o que indica que as regras ortográficas estão sendo adquiridas pelos alunos.

Alguns erros propostos pela categorização de Cagliari, como a forma estranha de traçar a letra, uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas e sinais de pontuação não foram observados nos textos dos alunos, visto que alguns erros ortográficos não se relacionam com a fala.

4. Considerações Finais

A partir deste breve estudo pode-se perceber que o rendimento ortográfico além de ser influenciado pela oralidade é também influenciado por aspectos relacionados à fonologia da língua, por isso, aspectos referentes à fonética e à fonologia precisam ser explorados desde o início da intervenção pedagógica. Quando o aluno está no processo de aquisição da ortografia, entende-se que melhor será o desenvolvimento da criança no domínio de regras da escrita quanto maior for a explicação entre as relações entre o sistema alfabético e as formas orais. Na medida em que as crianças interagem com a escrita os erros diminuem por aprenderem a observar as diferenças existentes entre língua escrita e língua oral.

Ao separarmos os erros considerando a proposta de Cagliari (2004), procuramos mostrar que as ocorrências encontradas nos textos fazem parte de um longo processo de aquisição do sistema ortográfico. Os erros caracterizados por uma transcrição fonética, apesar de estarem presentes com grande frequência nos textos dos informantes, não chegam, porém, a caracterizar uma escrita fonética.

Para melhorar o ensino nas séries iniciais, cabe ao professor conhecer as relações entre o sistema de escrita e o sistema fonológico da língua, para que possa planejar suas intervenções e proporcionar ao aluno reflexões sobre a língua. O erro decorrente da hipercorreção é de grande ajuda para o professor, visto que ele pode observar diretamente o processo de aquisição de uma regra. Dessa forma, o professor pode intervir de maneira mais eficaz, pois esses erros revelam os conhecimentos que a criança já possui acerca da ortografia.

REFERÊNCIAS:

- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Lingüística*. São Paulo, Scipione, 2004.
_____. *Alfabetizando sem o BÁ-BÉ-BI-BÓ-BU*. São Paulo: Scipione. 1999.

Guimarães, Marisa Carlota Rosa. *Um estudo sobre ortografia nas séries iniciais / Marisa Carlota Rosa Guimarães*. - Pelotas, 2005.

KATO, Mary A. *No Mundo da Escrita. Uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

MIRANDA, A. SILVA, M. e MEDINA, S. *O sistema ortográfico do português e sua aquisição*. Linguagem e cidadania (Revista Eletrônica) UFSM, Santa Maria, v. 16, 2005.

MONTEIRO, Carolina Reis; MIRANDA, Ana Ruth. *Aquisição ortográfica e fonologia das vogais: uma contribuição para a intervenção pedagógica*. Programa de Pós-Graduação em Educação – FaAE/UFPe. 2008.

PERINI, M. A. *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Ática, 1997.